

A Páscoa Judaica

A Páscoa (hebr.: *pé-sahh*; gr.: *pá-skha*) foi instituída na noite que precedeu o Êxodo do Egito. A primeira Páscoa foi celebrada por volta da época da lua cheia, no dia 14 do mês de abibe (mais tarde chamado nisã) do ano 1513 AEC. Dali em diante, deveria ser celebrada anualmente. (Êx 12:17-20, 24-27) Abibe (nisã) cai nos meses de março-abril do calendário gregoriano. A Páscoa era seguida de sete dias da Festividade dos Pães Não Fermentados, de 15 a 21 de nisã. A Páscoa comemora a libertação dos israelitas do Egito e serem os seus primogênitos ‘passados por alto’ quando Jeová destruiu os primogênitos do Egito. Quanto à época do ano, caía no início da colheita da cevada. — Êx 12:14, 24-47; Le 23:10.

A Páscoa era uma celebração comemorativa; portanto, a ordem bíblica era: “E terá de acontecer que, quando os vossos filhos vos disserem: ‘Que significa para vós este serviço?’, então tereis de dizer: ‘É o sacrifício da páscoa a Jeová, que passou por alto as casas dos filhos de Israel no Egito quando feriu os egípcios, mas livrou as nossas casas.’” — Êx 12:26, 27.

Visto que para os judeus o dia começava após o pôr-do-sol e terminava no pôr-do-sol do dia seguinte, o dia 14 de nisã começaria após o poente. A Páscoa seria comemorada na noite após a conclusão do dia 13 de nisã. Visto que a Bíblia declara definitivamente que Cristo é o sacrifício da Páscoa (1Co 5:7) e que ele celebrou a refeição pascoal na noite antes de ser morto, a data de sua morte deve ser 14 de nisã, não 15 de nisã, a fim de cumprir com exatidão o fator tempo retratado no tipo, ou sombra, fornecido na Lei. — He 10:1.

Cada família devia escolher um cordeiro ou um cabrito sadio, de um ano. Ele era levado para dentro de casa no dia 10 do mês de abibe e mantido ali até o dia 14, e então era abatido e seu sangue era esparrinhado com um ramo de hissopo nas ombreiras e nas vergas das portas da casa em que o comeriam (não na soleira da porta, onde o sangue seria pisado).

O cordeiro era abatido, esfolado, suas partes internas eram limpas e recolocadas no lugar, e ele então era assado inteiro, bem passado, sem que se lhe quebrasse nenhum osso. (2Cr 35:11; Núm 9:12) Se a família fosse pequena demais para consumir o animal inteiro, então devia ser partilhado com uma família vizinha e comido naquela mesma noite. Quaisquer sobras deviam ser queimadas antes do amanhecer. (Êx 12:10; 34:25) Era comido com pães não fermentados, “o pão de tribulação”, e com ervas amargas, pois a vida deles fora amarga na escravidão. — Êx 1:14; 12:1-11, 29, 34; De 16:3.

Os israelitas contavam o dia de pôr-do-sol a pôr-do-sol. Assim, o dia da Páscoa começava no pôr-do-sol do dia 13 de abibe (nisã). O animal devia ser abatido “entre as duas noitinhas”. (Êx 12:6) Há diferenças de opinião quanto à hora exata a que se refere esta expressão. Segundo alguns peritos, bem como os judeus caraitas e os samaritanos, trata-se do período entre o pôr-do-sol e a escuridão da noite. Por outro lado, os fariseus e os rabinistas consideravam que a primeira noitinha ocorria quando o sol começava a descer e que a segunda noitinha era o verdadeiro pôr-do-sol. Devido a este último conceito, os rabinos afirmam que o cordeiro era abatido no fim do dia 14, não no começo, e, portanto, que a refeição pascoal era realmente tomada no dia 15 de nisã.

Sobre este ponto, os professores Keil e Delitzsch dizem: “Desde data bem remota prevalecem diferentes opiniões entre os judeus quanto à hora exata tencionada. Aben Ezra concorda com os caraitas e com os samaritanos em considerar a primeira noitinha como a hora em que o sol mergulha abaixo do horizonte, e a segunda, como a hora de escuridão total; neste caso, ‘entre as duas noitinhas’ seria das 18 às 19:20 horas. . . . Segundo a idéia rabínica, a hora em que o sol começa a descer, a saber, das 15 às 17 horas, era a primeira noitinha, e o pôr-do-sol era a segunda; de modo que ‘entre as duas noitinhas’ era das 15 às 18 horas. Expositores modernos decidiram mui apropriadamente a favor do conceito expendido por Aben Ezra e do costume adotado pelos caraitas e pelos samaritanos.” — *Commentary on the Old Testament* (Comentário Sobre o Velho Testamento), 1973, Vol. I, O Segundo Livro de Moisés, p. 12.

À base do precedente, e especialmente em vista de textos tais como Êxodo 12:17, 18, Levítico 23:5-7 e Deuteronômio 16:6, 7, o peso da evidência tende para a aplicação da expressão “entre as duas noitinhas” ao período entre o pôr-do-sol e a escuridão. Isto significaria que a refeição pascoal era comida bem depois do pôr-do-sol, em 14 de nisã, pois era preciso considerável tempo para abater, esfolar e assar cabalmente o animal. Deuteronômio 16:6 ordena: “Deves sacrificar a páscoa, à noitinha, assim que se pôr o sol.” Jesus e seus apóstolos celebraram a refeição pascoal “depois de anoitecer”. (Mr 14:17; Mt 26:20) Judas saiu imediatamente depois da celebração da Páscoa, “e era noite”. (Jo 13:30) Quando Jesus comemorou a Páscoa com os 12 apóstolos deve ter havido longas conversas; daí, também, algum tempo seria usado por Jesus para lavar os pés dos apóstolos. (Jo 13:2-5)

Na Páscoa realizada no Egito, o cabeça da família foi responsável por abater o cordeiro (ou cabrito) em cada casa, e todos deviam permanecer dentro de casa para evitar ser mortos pelo anjo. Os participantes comeram em pé, com os lombos cingidos, com o cajado na mão, com as sandálias nos pés, para que estivessem prontos para uma longa jornada em terreno acidentado (embora não raro trabalhassem descalços no dia-a-dia). À meia-noite, todos os primogênitos dos egípcios foram mortos, mas o anjo passou por alto as casas em que o sangue havia sido espargido. (Êx 12:11, 23) Toda família egípcia em que havia um varão primogênito foi atingida, desde a casa do próprio Faraó até o primogênito dos prisioneiros. Não morreram os que eram cabeça de casa, embora estes talvez fossem primogênitos, mas todo primogênito varão que se achava debaixo dum cabeça, bem como o primogênito macho dos animais. — Êx 12:29, 30.

As Dez Pragas lançadas sobre o Egito mostraram ser um julgamento contra os deuses do Egito, especialmente a décima: a morte dos primogênitos. (Êx 12:12) O carneiro era sagrado para o deus Rá, de modo que esparrinhar o sangue do cordeiro pascoal nos marcos das portas seria blasfêmia aos olhos dos egípcios. Além disso, o touro era sagrado, e a destruição dos primogênitos dos touros seria um golpe no deus Osíris. O próprio Faraó era venerado como filho de Rá. Assim, a morte do primogênito do próprio Faraó mostraria a impotência tanto de Rá como de Faraó.

Só se menciona uma celebração da Páscoa no ermo. (Núm 9:1-14) A guarda da Páscoa durante a jornada no ermo provavelmente foi limitada, por duas razões: (1) As instruções originais de Jeová eram que ela tinha de ser

observada quando chegassem à Terra da Promessa. (Êx 12:25; 13:5) (2) Os nascidos no ermo não haviam sido circuncidados (Jos 5:5), ao passo que todos os participantes varões da Páscoa tinham de ser circuncidados. — Êx 12:45-49.

As Escrituras Hebraicas fornecem relatos diretos da Páscoa (1) no Egito (Êx 12); (2) no ermo junto ao Sinai, em 14 de nisã de 1512 AEC (Núm 9); (3) quando chegaram à Terra da Promessa, em Gilgal, e depois da circuncisão dos varões, em 1473 AEC (Jos 5); (4) na ocasião em que Ezequias restaurou a adoração verdadeira (2Cr 30); (5) a Páscoa de Josias (2Cr 35); e (6) a celebração feita por Israel depois do retorno do exílio babilônico (Esd 6). (Além disso, faz-se menção das Páscoas realizadas nos dias de Samuel e nos dias dos reis, em 2Cr 35:18.) Depois que os israelitas se estabeleceram na terra, a festividade da Páscoa era celebrada “no lugar que Jeová, teu Deus, escolher para ali fazer residir seu nome”, em vez de em cada casa ou nas várias cidades. Com o tempo, o local escolhido veio a ser Jerusalém. — De 16:1-8.

Depois de Israel se ter fixado na Terra da Promessa, certas mudanças foram feitas e vários acréscimos vieram a existir na celebração da Páscoa. Eles deixaram de participar da festa em pé, ou equipados para uma jornada, pois já estavam na terra que Deus lhes dera. Os celebrantes do primeiro século comiam-na costumeiramente recostados sobre o seu lado esquerdo, com a cabeça apoiada na mão esquerda. Isto explica como um dos discípulos de Jesus podia estar ‘recostado na frente do seio de Jesus’. (Jo 13:23) Na Páscoa realizada no Egito não se usou vinho, nem havia ordem alguma da parte de Jeová para que fosse usado na festividade. Tal costume foi introduzido mais tarde. Jesus não condenou o uso do vinho na refeição, mas bebeu vinho com os apóstolos e, depois, ofereceu-lhes um copo para que bebessem, ao instituir a Refeição Noturna do Senhor, a Comemoração de sua morte. — Lu 22:15-18, 20.

De acordo com fontes judaicas tradicionais, usava-se vinho tinto e passavam-se quatro copos, embora o serviço não se restringisse a quatro copos. Os Salmos 113 a 118 eram entoados durante a refeição, concluindo com o Salmo 118. É provável que tenha sido um destes salmos que Jesus e os apóstolos cantaram ao concluírem a Refeição Noturna do Senhor. — Mt 26:30.

Faziam-se grandes preparativos em Jerusalém na época da festividade, visto que celebrar a Páscoa era um requisito da Lei para todo varão israelita e para todo varão dentre os residentes forasteiros circuncisos. (Núm 9:9-14) Isto significava que muitas pessoas viajavam para a cidade com muitos dias de antecedência. Chegavam antes da Páscoa, a fim de se purificarem cerimonialmente. (Jo 11:55) Diz-se que com cerca de um mês de antecedência se enviavam homens para preparar as pontes e colocar as estradas em boas condições para a conveniência dos peregrinos. Visto que o contato com um cadáver tornava impura a pessoa, tomavam-se precauções especiais para proteger o viajante. Por ser costumeiro enterrar pessoas em campos abertos caso morressem ali, os sepulcros eram tornados claramente distinguíveis por serem caiados um mês antes. (*The Templo* [O Templo], de A. Edersheim, 1874, pp. 184, 185) Isto permite entender as palavras de Jesus aos escribas e fariseus, de que eles se assemelhavam a “sepulcros caiados”. — Mt 23:27.

Para os que vinham a Jerusalém a fim de celebrar a Páscoa, ofereciam-se acomodações nas casas. Num lar oriental, podia-se dormir em todos os cômodos, e várias pessoas podiam ser alojadas em um só aposento. O teto plano da casa também podia ser usado. Adicionava-se a isto o fato de que muitos dos celebrantes obtinham alojamentos fora dos muros da cidade, especialmente em Betfagé e Betânia, dois povoados nas encostas do monte das Oliveiras. — Mr 11:1; 14:3.

Paulo, ao instar os cristãos a levar uma vida limpa, atribui significado pictórico à Páscoa. Diz ele: “Pois, deveras, Cristo, a nossa páscoa, já tem sido sacrificado.” (1Co 5:7) Ele aqui assemelha Jesus ao cordeiro pascoal. João, o Batizador, apontou para Jesus, dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1:29) Nenhum osso do cordeiro pascoal devia ser quebrado. Havia sido profetizado que nenhum dos ossos de Jesus seria quebrado, e isto se cumpriu por ocasião de sua morte. (Sal 34:20; Jo 19:36)

A Páscoa Cristã

A instituição desta é relatada por dois apóstolos que foram testemunhas oculares e participantes, a saber, Mateus e João. Marcos e Lucas, embora não estivessem presentes na ocasião, suprem alguns pormenores. Paulo, ao dar instruções à congregação de Corinto, fornece esclarecimento sobre algumas de suas particularidades. Tais fontes nos dizem que, na noite antes de sua morte, Jesus se reuniu com os discípulos numa grande sala de sobrado para celebrar a Páscoa. (Mr 14:14-16) Mateus relata: “Ao continuarem a comer, Jesus tomou um pão, e, depois de proferir uma bênção, partiu-o, e, dando-o aos discípulos, disse: ‘Tomai, comei. Isto significa meu corpo.’ Tomou também um copo, e, tendo dado graças, deu-lho, dizendo: ‘Bebei dele, todos vós; pois isto significa meu “sangue do pacto”, que há de ser derramado em benefício de muitos, para o perdão de pecados. Eu vos digo, porém: Doravante, de modo algum beberei deste produto da videira, até o dia em que o beberei novo, convosco, no reino de meu Pai.’ Por fim, depois de cantarem louvores, saíram para o Monte das Oliveiras.” — Mt 26:17-30; Mr 14:17-26; Lu 22:7-39; Jo 13:1-38; 1Co 10:16-22; 11:20-34.

A Páscoa sempre era celebrada em 14 de nisã (abibe), no dia ou perto do dia da lua cheia, uma vez que o primeiro dia de cada mês (mês lunar) do calendário judaico era o dia da lua nova, conforme determinado por observação visual. Portanto, o dia 14 do mês se situaria mais ou menos na metade duma lunação. A data da morte de Jesus é indicada como 14 de nisã de 33 EC. Segundo o calendário gregoriano, os cálculos astronômicos indicam que houve um eclipse da lua na sexta-feira, 3 de abril de 33 EC. (calendário juliano), que seria sexta-feira, 1.º de abril no calendário gregoriano. (*Canon of Eclipses* [Cânion de Eclipses] de Oppolzer, traduzido para o inglês por O. Gingerich, 1962, p. 344) Os eclipses da lua sempre ocorrem por ocasião da lua cheia. Esta evidência indica fortemente que 14 de nisã de 33 EC caiu na quinta-feira/sexta-feira, de 31 de março a 1.º de abril de 33 EC, no calendário gregoriano.

Foi na noite anterior à sua morte que Jesus celebrou sua última refeição pascoal. Mesmo antes de iniciar a refeição da Comemoração, mandou-se que o traidor Judas saísse, ocasião em que, segundo o relato, “era noite”. (Jo 13:30) Visto que os dias do calendário judaico decorriam da noite de um dia

até a noitinha do dia seguinte, a Refeição Noturna do Senhor foi também celebrada em 14 de nisã, na noite de quinta-feira, 31 de março.

Segundo Lucas e Paulo, ao instituir a Comemoração da sua morte, Jesus disse: “Persisti em fazer isso em memória de mim.” (Lu 22:19; 1Co 11:24) Com base nisto, é razoável entendermos que Jesus quis dizer que seus seguidores deviam celebrar anualmente a Refeição Noturna do Senhor, e não com mais freqüência. A Páscoa, celebrada em lembrança da libertação de Israel da escravidão egípcia, efetuada por Jeová em 1513 AEC, só era comemorada uma vez por ano, no seu aniversário, em 14 de nisã. A Comemoração da morte de Cristo, também um aniversário, seria apropriadamente realizada somente em 14 de nisã.

Paulo citou Jesus como dizendo concernente ao copo: “Persisti em fazer isso, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim”, e acrescentou: “Pois, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este copo, estais proclamando a morte do Senhor, até que ele chegue.” (1Co 11:25, 26) “Todas as vezes” pode referir-se a algo feito apenas uma vez por ano, especialmente quando é feito no decorrer de muitos anos. (He 9:25, 26) O dia 14 de nisã foi o dia em que Cristo ofereceu seu corpo literal como sacrifício na estaca de tortura, e derramou seu sangue vital para o perdão de pecados. Portanto, esse era o dia da “morte do Senhor”, e, por conseguinte, era a data para dali em diante se comemorar a morte dele.

Jesus informou aos discípulos que o vinho que havia bebido (nesta Páscoa que antecedeu à Comemoração) tinha sido o último do produto da videira que ele beberia “até o dia em que o beberei novo, convosco, no reino de meu Pai”. (Mt 26:29) Visto que ele não beberia vinho literal no céu, referia-se obviamente àquilo que o vinho por vezes simbolizava nas Escrituras, a saber, a alegria. Estarem juntos no Reino era o que eles aguardavam com a máxima expectativa. (Ro 8:23; 2Co 5:2) Davi escreveu, em cântico, sobre Jeová suprir “vinho que alegra o coração do homem mortal”, e seu filho Salomão disse: “O próprio vinho alegra a vida.” — Sal 104:15; Ec 10:19.

Marcos relata o seguinte quanto ao pão usado por Jesus ao instituir esta comemoração: “Enquanto continuavam a comer, tomou um pão, proferiu uma bênção, partiu-o e o deu a eles, e disse: ‘Tomai-o, isto significa meu corpo.’” (Mr 14:22) O pão era da espécie disponível para a refeição pascoal, que Jesus e seus discípulos já tinham acabado de celebrar. Era pão sem fermento, uma vez que não se permitia nenhum fermento nas casas dos judeus durante a Páscoa e a conjugada Festividade dos Pães Não Fermentados. (Êx 13:6-10) Na Bíblia, fermento indica pecaminosidade. Era apropriado que o pão estivesse isento de fermento, porque o pão representava o corpo carnal, sem pecados, de Jesus. (He 7:26; 9:14; 1Pe 2:22, 24) O pão não fermentado era achatado e quebradiço; assim, foi partido, como era costumeiro nas refeições daqueles dias. (Lu 24:30; At 27:35) Depois de Jesus ter passado o pão, ele tomou um copo e “rendeu graças e o deu a eles, e todos beberam dele. E disse-lhes: ‘Isto significa meu “sangue do pacto”, que há de ser derramado em benefício de muitos.’” (Mr 14:23, 24).

Não há evidência de que o próprio Jesus tenha comido o pão assim oferecido, ou bebido do copo durante esta refeição da Comemoração. O corpo e o sangue que ofereceu eram em benefício deles e para validar o novo pacto,

mediante o qual os pecados deles foram removidos. (Je 31:31-34; He 8:10-12; 12:24) Jesus não tinha pecado algum. (He 7:26).

Marechal Floriano Peixoto

ARLS Urim & Tumim 4294 – GOSP/GOB.